

ENTRE TIPOGRAFIAS E CÍRCULOS LITERÁRIOS: HUMBERTO DE CAMPOS NA IMPRENSA DA CIDADE DE BELÉM (PA)

BETWEEN TYPOGRAPHIES AND LITERARY CIRCLES: HUMBERTO DE CAMPOS IN THE PRESS OF THE CITY OF BELÉM (PA)

José Guilherme de Oliveira Castro¹
Luis Fernando Ribeiro Almeida²
Milena Silva Castro³

RESUMO: O objetivo deste estudo é cartografar a participação de Humberto de Campos (1886-1934) na imprensa da cidade de Belém (PA), desde as suas primeiras incursões editoriais e redatoriais, até a sua colaboração ativa nos periódicos *Folha do Norte* e *A Província do Pará*, no período de 1909 a 1912. Nesse pormenor, a partir de uma pesquisa de base bibliográfica e documental, no franco diálogo entre literatura e imprensa, são analisadas algumas produções de Humberto publicadas na imprensa belenense, destacando-se os seus primeiros poemas, bem como os textos voltados para analisar obras literárias, em uma experiência que se pode chamar de *protocrítica*. Isto posto, entende-se que, a partir da intensa atuação de Humberto de Campos na imprensa paraense, é possível indicar a relevância que a mídia impressa, entendendo-se jornais e revistas, tinha no cotidiano da sociedade dos primeiros anos do século XX.

Palavras-chave: Literatura; imprensa; poema; crítica; Humberto de Campos.

ABSTRACT: The objective of this study is to map the participation of Humberto de Campos (1886-1934) in the press of the city of Belém, Pará, from his first editorial and writing forays to his active collaboration with the periodicals *Folha do Norte* and *A Província do Pará*, from 1909 to 1912. In this detail, based on bibliographical and documentary research, in the frank dialogue between literature and the press, some of Humberto's works published in the Belém press are analyzed, highlighting his early poems, as well as texts aimed at analyzing literary works, in an experience that can be called *protocriticism*. Therefore, it is understood that, based on Humberto de Campos' intense activity in the Pará press, it is possible to indicate the relevance that the printed media, including newspapers and magazines, had in the daily life of society in the early years of the 20th century.

Keywords: Literature; press; poem; criticism; Humberto de Campos.

¹ Doutor e mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA) em Belém, PA, Brasil.

² Doutorando e mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA), em Belém, PA, Brasil. Mestre em Letras (Linguagens e Letramento) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor de Língua Portuguesa da rede pública de ensino.

³ Doutoranda e mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA), em Belém, PA, Brasil. Professora do curso de Moda da Universidade da Amazônia (UNAMA).

1 Introdução

Humberto de Campos (1886-1934), um dos expoentes da literatura brasileira nas primeiras décadas do século XX, tem uma vasta bibliografia, que vai da poesia, passando pela crônica, conto, crítica literária, até o memorialismo. Notabilizando-se na cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal, a partir de 1912 até a sua morte em 1934, Humberto teve as suas primeiras experiências literárias na imprensa belenense, no período áureo da economia da borracha no norte do Brasil, momento em que publicou os seus primeiros poemas, começou a cultivar o estilo ligeiro da crônica, e também iniciou, mesmo que de forma incipiente, ou seja, de forma principiante, análises de obras e autores. Isto posto, ao longo desta discussão, apresentaremos fatos ligados a presença de Humberto de Campos na cidade de Belém (PA), com foco em sua atuação em dois periódicos da época, *Folha do Norte* e *A Província do Pará*. No percurso metodológico, no franco cruzamento entre literatura e imprensa, além da pesquisa em fontes primárias, ou seja, a utilização de jornais e revistas, recorreremos aos estudos de Marinilce Oliveira Coelho, em *O Grupo dos Novos: Memórias Literárias de Belém do Pará* (2005); Alfredo Bosi (2006), em sua *História Concisa da Literatura Brasileira*; Maria de Nazaré Sarges, em *Memórias do Velho Intendente (1869-1973)* (2002); e Nelson Werneck Sodré, em sua conhecida *História da Imprensa no Brasil* (1966).

2 Na Belém da *Belle Époque*: entre tipografias e círculos literários

Quando da chegada de Humberto de Campos, em 1903, na cidade de Belém, a capital paraense contava com um número considerável de periódicos, dos quais, cabe citar: *A Bohemia*; *O Bohemio*; *O Bolina*; *A Comédia*; *O Cruzeiro*; *Estudante*; *O Fanal*; *O Guarany*; *Ideal*; *A Moça*; *O Moleque*; *O Patriota*.⁴ De início, trabalha como revisor no jornal *Notícias*.⁵ Em passagens de suas *Memórias Inacabadas* (obra póstuma), encontramos o jovem Humberto, nos primeiros anos na capital paraense, trabalhando no periódico *Notícias*, em meio às dificuldades de uma vida sempre sofrida. Vejamos:

A VIDA, na redação do *Notícias*, diário paraense em perpétua agonia, era uma espécie de campeonato de resistência à fome, em que entravam todos os trabalhadores do jornal. Com a falta de pagamento, os ocupantes dos cargos

⁴ Informação colhida na publicação *Jornais Paraoaras: catálogo*, de 1985, disponível no acervo digital da Biblioteca Artur Viana (Belém/PA).

⁵ Sobre o periódico *Notícias*, no catálogo “Jornais Paraoaras”, encontramos a seguinte informação: “Jornal matutino, diário e imparcial, propriedade de uma Associação, fundada pelo Dr. Luiz Bahia, dirigido por Alcides Bahia, com redação e oficinas à Travessa Campos Sales, nº 22. Saiu de circulação em 2 de janeiro de 1904” (Jornais Paraoaras, 1985, p. 194).

de relevo iam desertando os postos, sendo substituídos, automaticamente, pelos seus subordinados, que aceitavam, sôfregos, o mandato, na vã esperança de, com o prestígio novo, liquidarem a dívida velha. E tantas haviam sido as substituições, que ao ser, eu, admitido como revisor, desempenhavam, já, as funções de diretor e secretário, dois antigos repórteres, os quais tinham conquistado, com a preguiça do estômago, uma situação que, ordinariamente, se consegue com a atividade do cérebro [...] Não obstante a vastidão do prédio, todos os serviços intelectuais do jornal funcionavam na sala da frente, ocupando uma grande mesa central. Essa mesa era a do diretor, a do secretário, a dos redatores, a dos repórteres, a da revisão. E isso porque o resto da casa, no primeiro andar, se achava inteiramente desprovido de mobiliário [...] Com a mudança para a companhia do meu tio, comendo apenas uma vez por dia, tomando o café dos Genus diversas vezes no correr da tarde, e passando as noites sem dormir, curvado, com fome, sobre a mesa de revisão do *Notícias*, o meu estado de saúde se agravou [...]. Certa manhã, tendo regressado do *Notícias* pela madrugada, não pude dormir um só instante, com fome. Tinham-me faltado, nesse dia, como em muitos outros, os trezentos réis para o café com pão dos canoieiros, vendido em carrocinhas, na doca do Ver-o-Peso. Era um domingo, e a manhã desabrochava fresca, linda e clara. (Campos, 2009, pp. 356-357; 359-360).

Com a ajuda do amigo José Chaves, funda a revista *Alma Nova*. A comprovação desta publicação pode ser verificada na edição de 27 de dezembro de 1904 do periódico maranhense *Pacotilha* (Ano XXIV, número 307, terça-feira). Vejamos:

Recebemos.

O fascículo 2º da *Alma Nova*, magnífica revista literária que, mensalmente, é publicada na capital paraense.

O nº que temos a vista, nitidamente impresso, contem este farto sumário: senador Antonio Lemos, *redação*; A imortalidade segundo a Bíblia, L; A minha mãe, *Humberto de Campos*; Cego, *Carlos de Souza*; Via Crucis, *Alfredo Assis*; De Belém a S. João de Araguaia, *dr. Ignácio Moura*; Incoercível, *Sebastião Abreu*; Almas irmãs, *Rosalina Sandoval*; Confissão, *José Chaves*; Sempre eterno, *Nogueira de Faria*; Bibliografia, A.A., Notas, etc.⁶

Ainda sobre a revista *Alma Nova*, o periódico cearense *A Cidade*⁷ (Ano VI – nº 124), na edição de 10 de dezembro de 1904, noticiou:

“ALMA NOVA”

Recebemos o primeiro número desta magnífica revista, escrita com elegância e arte, que vem à luz da publicidade na adiantada capital do Pará.

“Alma Nova” é um escrínio custoso de joias artísticas. São seus redatores um grupo de moços ilustrados e talentosos, satélites que vão surgindo no céu literário de nova geração.

⁶ Jornal *Pacotilha* (Ano XXIV, número 307, terça-feira), edição de 27 de dezembro de 1904.

⁷ Redator-chefe: Álvaro Ottoni. Publicação: quartas e sábados. Ceará – Sobral.

O primeiro exemplar, de que tratamos, traz magníficas poesias, artísticos e bem elaborados contos.

Em todos os Estados da União a “Alma Nova” tem colaboradores, homem de talento e nomeada, distinguindo-se entre eles, no Ceará o popularíssimo jornalista Dr. Álvaro Ottoni, nosso chefe de redação e proprietário desta empresa, dr. Fiuza de Pontes e dr. Lino da Justa e outros.

No Pará – Maranhão Sobrinho, Eustáquio de Azevedo, Papi Júnior, Medeiros Lima e outros.

No Amazonas – dr. Jonas da Silva, Fran Pacheco e outros.

No Maranhão – Antonio Lobo, Correia de Araújo, Luiz Carvalho e outros.

E através do glanco oceano e da floresta esmeraldina que nos separa, apertamos as mãos dos nossos ilustres e talentosos colegas da “Alma Nova”, agradecendo a honrosíssima visita.⁸

Ampliando a discussão, nos *Anais do Museu Histórico Nacional* (RJ), encontramos o ensaio *Autógrafos de Vespasiano Ramos*,⁹ de autoria de Cursino Raposo. No ensaio, Raposo destaca a camaradagem de Vespasiano com o seu conterrâneo Humberto de Campos na cidade de Belém. No estudo, é mencionada a atuação de Humberto na revista *Alma Nova*. Vejamos o trecho:

Em fins de 1903 Vespasiano deixa Caxias e rumo para Belém. Na capital paraense já se encontravam, nessa época, seus conterrâneos Humberto de Campos, Maranhão Sobrinho e Alfredo de Assis, que colaboravam assiduamente na *Folha do Norte*, “um viveiro de poetas”, na expressão de João Alfredo de Mendonça. Passa também a colaborar no referido jornal. Humberto de Campos fundou a revista “Alma Nova”. Integrando o seu corpo redatorial estão, entre outros intelectuais jovens, Alfredo de Assis e Vespasiano Ramos. (Raposo, 1973, p. 153).

A partir das pesquisas realizadas nos periódicos da época, constatamos que a revista *Alma Nova*, criada por José Chaves e Humberto de Campos, no ano de 1904, na cidade de Belém (PA), não teve vida longa, tendo aparecido em apenas dois fascículos, novembro e dezembro de 1904, como verificado em notícias divulgadas no periódico maranhense *Pacotilha* e no jornal cearense *A Cidade*, em dezembro de 1904. Após esse período, não encontramos mais notícias de publicação e circulação d’*Alma Nova*.

Em seu livro *Memórias* (1866-1900), e nos escritos de suas *Memórias inacabadas*, a região amazônica é um dos temas apresentados pelas reminiscências do autor. Nesse pormenor, para Le Goff (1996, p. 423), a memória pode ser entendida como “um conjunto de funções

⁸ *A Cidade* (Ano VI – nº 124), edição de 10 de dezembro de 1904.

⁹ No ensaio de Raposo, encontramos: “Vespasiano Ramos viveu entre 1884 e 1916. Pertenceu, portanto, àquela geração de escritores maranhenses que, sob influxo da visita que Coelho Neto fez à sua terra natal em 1889, tentou reviver, através de alguns movimentos de renascença literária, entre os quais cumpre destacar a *Oficina dos Novos*, o renome e as glórias conquistadas pelas gerações anteriores de Odorico Mendes, Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, Sotero dos Reis, Gomes de Sousa, Gentil Braga, Dias Carneiro, Joaquim Serra, Trajano Galvão, Raimundo Correia, Teófilo Dias, Sousândrade, Aluísio e Artur Azevedo, Graça Aranha, Celso Magalhães e tantos outros.” (Raposo, 1973, p. 109-110).

psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Dessa maneira, é na memória “onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (Le Goff, 1996, p. 477). Isto posto, Humberto de Campos, valendo-se da escrita memorialística, volta à cidade de Belém, no horizonte de suas experiências advindas dos sentidos, ao modo de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa: “E os meus pensamentos são todos sensações” (Caeiro, 1981, p.235). Assim sendo, se situarmos Humberto de Campos em uma Belém que segue a passos largos o processo de urbanização, movimento tributário do período áureo do ciclo da borracha, iremos observar a força do comércio local, tendo por cenários pontos comumente conhecidos da cidade, a exemplo do Ver-o-Peso e da Catedral da Sé. Nesse contexto, Marinilce Oliveira Coelho, em *O Grupo dos Novos: Memórias Literárias de Belém do Pará*, faz as seguintes considerações sobre a paisagem da capital paraense em pleno período de desenvolvimento urbano:

[...] a cidade ganhava os requintes de metrópole. Nos bairros da elite, com ares aristocráticos várias casas e palacetes são construídos pelos barões da borracha. As fachadas e interiores eram decorados com objetos de arte que vinham da Europa pelos transatlânticos que ancoravam no porto de Belém. O palacete Pinho, o Mira-Selvas, o Bolonha, o Tavares Cardoso, o Bibi Costa são algumas construções da época (Coelho, 2005, p. 26).

Ajudando na visualidade do cenário belenense no período da *belle époque*, vejamos a descrição dos espaços da Belém da primeira década do século 20, na perspectiva memorialística de Humberto de Campos: a) *Região da Praça Batista Campos*: “O velho Raimundo Lobo morava, em Batista Campos, acima da praça deste nome, isto é, em uma das extremidades da cidade. Para ir de Ver-o-Peso à sua residência, tinha-se que atravessar Belém de lado a lado” (Campos, 2009, p. 363); b) *Sobre as ruas da região central de Belém*: “[...] Subi a Travessa Marquês de Pombal. Subi a Pedro Raiol. Sai no Largo da Sé. O jardim estava deserto. Em frente, erguia-se a catedral, vetusta, severa, imponente” (Campos, 2009, p. 360); c) *Sobre a região do Reduto*: “[...] local em que eram numerosas as casas comerciais, cada uma com a sua trompa estrondante [Humberto de Campos refere-se ao gramofone], via-me obrigado a dar grandes voltas pelas ruas centrais do bairro, para ir tomar o bonde alguns quarteirões adiante” (Campos, 2009, p. 259).

A partir das passagens citadas, observamos a descrição pormenorizada dos espaços da cidade de Belém. Assim, no que diz respeito à ideia de espaço, ele, juntamente com o tempo, representa uma categoria importante para a relação homem x universo. Dessa consideração, pesponta uma primeira reflexão: é no/pelo espaço que o ser humano se localiza do ponto de vista territorial. E, nesse sentido, o território pode ter dimensões urbanas, rurais, público, privado, com indivíduos que podem compartilhar, ou não, a mesma língua, cultura, ideologias, enfim, falar em espaço é localizar o ser humano no “aqui”. Dessa forma, alinhando-se às discussões sobre a experiência de Humberto de Campos no espaço amazônico, Lucrécia Ferrara (2018), em texto *Espacialidades do espaço*, afirma que o espaço conhecido – aquele localizado no horizonte de idas e vindas do indivíduo – é fruto da proporção e da construção, ou seja, entre composição e reprodução.

2.1 A colaboração na Folha do Norte

Após suas primeiras experiências profissionais na cidade de Belém, em 1909, aos 23 anos, começa a trabalhar na *Folha do Norte*¹⁰. A presença de Humberto de Campos enquanto colaborador da *Folha do Norte* tem seu debute na edição de 31 de janeiro de 1909 (domingo). Na primeira página do periódico, encontramos o texto “A Associação dos Empregados no Comércio”, onde a referida folha dá ciência de que Humberto, a partir daquela data, passaria a ser um dos seus colaboradores. Em síntese, no texto, já assinado pelo escritor maranhense, Humberto destaca que fora desligado, segundo ele, inapropriadamente da Associação dos Empregados do Comércio do Pará, após um período de licença para tratamento de saúde, mesmo sendo um dos sócios fundadores.¹¹ Sobre esse episódio, Humberto de Campos escreveu na citada edição da *Folha do Norte*: “[...] Em 1907 segui doente para o sul tendo por esse fato obtido uma licença por tempo indeterminado com dispensa de contribuição. E dessa viagem cheguei a Belém há três meses, pedindo, então, que se me continuasse a cobrar as mensalidades referidas.”¹²

A passagem de Humberto de Campos na *Folha do Norte* é comprovada a partir da segunda reportagem do periódico maranhense *Pacotilha*, em edição de 16 de julho de 1909, em que se destaca uma “resenha”, por parte do maranhense, ao livro *Os Novos Atenienses*, de Antonio Lobo. Assim, o periódico maranhense noticiou: “Na Folha do Norte, do Pará, de 28 de junho passado, o distinto jornalista e poeta maranhense Humberto de Campos ocupa-se do último livro de Antonio Lobo”¹³. Sobre a sua colaboração no citado periódico paraense, tempos depois, já radicado na cidade do Rio de Janeiro, Humberto de Campos, na década de 1930, escreveu a crônica *A “Folha do Norte”*, depois recolhida no livro *Contrastes*, resposta por ocasião da ameaça de suspensão daquele periódico, que outrora abrigou seus primeiros textos. Vejamos como Humberto descreve a sua entrada na *Folha*:

De regresso do rio Mapuá, eu havia entrado para o hospital da Beneficente Portuguesa, em Belém, naquele ano de 1909. E acabava de ter alta, após a primeira internação cirúrgica de que fui vítima neste mundo, quando me ofereceram um lugar de repórter, na *Folha do Norte*.

Eu tinha, já por esse tempo, com esse matutino, uma dívida de gratidão. Tinha sido nas suas páginas que haviam aparecido os meus primeiros sonetos, quando eu era, apenas, empregado no escritório de Montenegro & Companhia. Fora ela o campo das minhas primeiras escaramuças de polemista incipiente, e o veículo de duas dúzias de artigos que eu mandara do Ceará, e em que descrevia as minhas viagens pelos sertões do Nordeste. E, agora, ia dever-lhe um amparo novo, com um ordenado mensal de cem mil réis. Antônio Praxedes, administrador do Hospital dos Lázaros, ofereceu-me hospitalidade, dando-me a casa e o pão. E eu, que até então me consagrara ao

¹⁰ A *Folha do Norte* foi fundada por Enéas Martins e Cipriano Santos, em 1899. (Meira; Ildone; Castro, 1990, p. 180). Ainda sobre o periódico paraense, Humberto de Campos, na crônica “A Folha do Norte”, publicada na década de 1930, assim escreveu: “[...] Propriedade de Cipriano Santos, era o nome deste médico paraense que a *Folha do Norte* trazia no cabeçalho, como seu diretor. Cipriano jamais escreveu, porém, uma simples notícia para o seu matutino. Vivendo das rendas deste, cujas finanças eram folgadas, contribuía, apenas, com a paciência, deixando-se atacar em todos os setores da vida pela imprensa governista. E os seus companheiros de diretório não colaboravam com outra sorte de sacrifício.” (Campos, 1951, p. 107-108).

¹¹ Pesquisa realizada, entre outubro e novembro de 2024, no acervo de Microfilmagem da Biblioteca Arthur Viana, na cidade de Belém (PA), com os arquivos do periódico *Folha do Norte*, entre o período de janeiro a dezembro de 1909.

¹² Informação presente na *Folha do Norte*, edição de 31 de janeiro de 1909. Texto “A Associação dos Empregados no Comércio”.

¹³ *Pacotilha – Jornal da Tarde*. Ano XXIX. Número 166, p. 1. Sexta-feira, dia 16 de julho de 1909.

comércio, passei a viver exclusivamente da minha pena, ou, melhor, do meu lápis, anotando pequenas novidades de rua. (Campos, 1951, p. 105-106).

Foi nesse periódico também que vieram à lume poemas que, em 1910, iriam compor a obra *Poeira*¹⁴, a exemplo das seguintes composições: *A morte de um seringueiro* (quadro amazônico); *Tempestade amazônica*; *Na Piraqueira*; *A volta eterna*; *O Mapuá*. Além desses poemas, apareceram também composições líricas sob o título “Livro de Hilda”, das quais: *Philemon e Baucis*, *Columba coeli*, *Símbolo*, *In excelsis...*, *Lendo-te*, *Recordando*. Como colaborador na *Folha do Norte*, Humberto de Campos exercitou diferentes gêneros: conto, poesia, crônica etc.

Neste pormenor, cabe, à guisa de ilustração da influência amazônica na poesia de Humberto, no período de residência na cidade de Belém, a análise dos poemas listados. O *Mapuá*, assim como as primeiras composições poéticas de Humberto, é construído em forma de soneto. O tema é o rio, elemento muito presente na cultura amazônica, aspecto que liga lugares e vidas, são as estradas da Amazônia – estradas fluviais que margeiam vidas e lugares. O próprio título do poema é o nome de um rio da região, cheio de curvas, sinuoso, que nasce no Marajó. No conjunto das estrofes, o eu lírico, logo no primeiro verso do primeiro quarteto, descreve-o como “Serpente negra, de aparência bela.” O poema, do ponto de vista da sua organização interna, apresenta rimas alternadas, conferindo, assim, a musicalidade tão própria do soneto. Quanto à métrica, apresenta, a exemplo dos dois primeiros versos, versos decassílabos, ou seja, com dez sílabas poéticas. Quanto ao conteúdo, observa-se um esforço para descrever o rio: ele é negro (escuro), é profundo e sombrio. Em suas águas estão o boto, a pirarara e a cobra, e a vegetação em suas margens é como mulheres mirando-se no espelho. Sua chave de ouro fica por conta do verso decassílabo: “De muito coração que há neste mundo.”

A próxima composição que se apresenta é *A morte de um seringueiro*, também cognominado de *Quando Amazônico*. Texto longo, o poema é composto por 117 versos, organizados em 22 estrofes, divididas em 13 quartetos, 2 sextilhas, 3 septilhas e 4 oitavas. Podemos, pois, pelo próprio arranjo, considerar o texto como um poema narrativo, em face de seu encadeamento das ações da figura central: o seringueiro; bem como pela carga dramática presente nos versos. Logo na primeira estrofe, há a apresentação do local e da personagem: um mísero casebre em um longínquo seringal e um jovem seringueiro impaludado e morrendo. Nas estrofes seguintes, nos é apresentado um cenário triste, onde as únicas companhias para o jovem são as “vozes” da natureza. E, em meio ao delírio, busca no chão do casebre água para aplacar a sede provocada pela febre.

Mais adiante, o jovem seringueiro pega um búzio, espécie de concha marinha. Esse é o objeto que o faz recordar da sua terra natal. Pelo som que sai da concha, ao aproximá-la do ouvido, lembra-se do mar. Logo o mar, a sua estrada para a região amazônica. Nesse instante de delírio, o jovem seringueiro, nos versos seguintes, recorda-se do sertão. Lembra-se de Ibiapaba, no Ceará. E, nesse delírio, vai trazendo à mente lugares do sertão cearense. Por fim, nas últimas estrofes, volta à razão, e observa que não estava no Ceará, fora tudo uma alucinação. Está, pois, sozinho no humilde casebre. Nesse contexto, podemos dizer que Humberto de Campos, no poema *A morte de um seringueiro*, trata de um tema que vai ser recorrente na literatura sobre a

¹⁴ Domingos Barbosa, por ocasião da recepção ao primeiro livro de poemas de Humberto de Campos, na edição de 2 de fevereiro de 1911, do *Diário do Maranhão*, emitiu o seguinte parecer: “Entre os poetas nortistas que mais em destaque aparecem, está Humberto de Campos, o amigo que me manda agora o seu livro de versos [...] POEIRA... é uma recolha desses bocados luminosos d’Arte, publicados em jornais. E o livro começa primando pela feitura material, — moderna, elegante. Abram-no. Há, em todo ele, versos que Bilac, Raimundo Corrêa, Alberto e Vicente de Carvalho não hesitariam um instante em assinar” (Jornal *Diário do Maranhão*, 2 de fevereiro de 1911).

Amazônia, sobretudo entre os anos finais do século XIX e as três primeiras décadas do século XX: o êxodo sertanejo para as paragens amazônicas. Fica evidente o destaque dado à exploração a qual as populações vindas do sertão nordestino eram submetidas. Essa questão, aliás, fora bem explorada por Euclides da Cunha em seus ensaios amazônicos, contidos na primeira parte da sua obra póstuma *À Margem da História* (1909). Saindo do aspecto do conteúdo e adentrado ao aspecto formal do poema, como já indicado, as 22 estrofes são compostas por diferentes arranjos, que do ponto de vista de classificação do número de versos em cada estrofe, temos quartetos, sextilhas, septilhas e oitavas. Quanto à organização das rimas, elas são alternadas (cruzadas).

Avançando, chegamos ao poema *Na piraqueira*. Também cognominado de *Alma de Caboclo*, o poema faz alusão a uma tradição da região: a pesca noturna. No poema, Humberto descreve a cena da pesca noturna, valendo-se de termos indígenas como acarapá, jamaxi, igara, embiara. Nesse aspecto, é interessante o destaque para a presença do imaginário amazônico que perpassa a vida e as ações dos moradores: ribeirinhos e caboclos. Assim, nos dois últimos tercetos da composição, observamos o medo do caboclo de encontrar a iara e a cobra-grande. Na estruturação das rimas, observamos o uso de rimas alternadas (cruzadas).

Por fim, o último poema de temática amazônica do conjunto *Símbolos Selvagens* é *O Boto*. Cognominado de *lenda amazônica*, do ponto de vista da temática, ocorre a mesma menção direta a uma narrativa muito comum na região amazônica: a lenda do Boto. No poema, o boto seria fruto de um feitiço de um pajé, lançado em um caboclo. Segundo a tradição, o boto, quando transformado em homem, normalmente vestido com terno branco e usando chapéu, saía para encontrar/seduzir as moças às margens dos rios. Sobre essa figura, muitos autores da região tomaram essa lenda como inspiração para a criação literária. Exemplo é o conto *O Baile do Judeu*, um dos textos da obra *Contos amazônicos* (1893), do paraense Inglês de Sousa. No conto, em uma noite festiva, durante um baile na casa de um judeu, um homem, vestido em roupas inapropriadas para a ocasião, tira uma jovem para dançar. No meio da dança, para surpresa dos que lá estavam, o homem misterioso, em rodopios, leva a jovem para o fundo do rio. Do ponto de vista da estrutura, as rimas de *O Boto* são, como nos poemas anteriores, alternadas (cruzadas).

Em suma, a obra poética de Humberto de Campos, qual seja *Poeira...* (1910 e 1917), confere-lhe a qualificação de escritor neoparnasiano. Segundo Alfredo Bosi (2006), em sua *História Concisa da Literatura Brasileira*, nomeia de neoparnasianos a todos os nascidos depois de 1880. Sobre Humberto de Campos, poeta, a revista *O Malho*, na edição de 29 de junho de 1933, nos apresenta a seguinte síntese:

Humberto de Campos é poeta. Antes, muito antes de iniciar suas “Memórias”, que é a obra-prima da literatura sul-americana; antes, muito antes de se celebrar com as historietas curtas, um record de tiragem, Humberto de Campos escreveu versos – foi poeta. E como poeta, ele se estreou na imprensa literária; e como poeta, ele foi o maior poeta da sua geração; e como poeta, ele se tornou imortal, foi recebido pela Academia. O grande prosador maranhense é o autor de “Poeira”. E quem não conhece “Poeira” pelo Brasil afora?¹⁵

De fato, Humberto de Campos iniciou a vida literária pela estrada da poesia, cultivando,

¹⁵ Revista *O Malho*, 29 de junho de 1933.

com empenho, o soneto, tipo de composição que ocupa grande parte dos seus dois volumes de *Poeira...*¹⁶ Essa certa predileção pelos dois quartetos e dois tercetos é um movimento tributário do contexto literário no qual o jovem Humberto cresceu, em que os “ventos” parnasianos espalhavam-se por diferentes paragens brasileiras, fazendo discípulos nos mais variados círculos literários.¹⁷ Sabemos que o Parnasianismo, surgido nas duas últimas décadas do século XIX, teve grande fôlego entre os nossos escritores. Segundo Massaud Moisés (2016, p. 278): “Graças ao esteticismo, comprovadamente situado na raiz de nossa psique coletiva, a poesia parnasiana encontrou terreno fértil para geminar e permanecer”. Coube ao poeta Teófilo Dias (1854-1889), com *Fanfarras* (1882), inaugurar a estética parnasiana nas letras brasileiras. Todavia, esse movimento ganhou projeção com os poetas Alberto de Oliveira (1857-1937), Raimundo Correia (1859-1911) e Vicente de Carvalho (1866-1924), tendo na figura de Olavo Bilac (1865-1918), considerado o “Príncipe dos Poetas”, a sua versão mais sublimada, cujos versos de *Profissão de Fé*, nos quais o eu lírico, invejoso do ourives, faz da palavra a sua matéria-prima.

Na edição do dia 1º de fevereiro de 1909, é publicado o texto *As Serras*, um conto. Em 7 de fevereiro, aparece a crônica intitulada *Sapos-bois*. Essa faceta de observador das coisas diárias, o que daria matéria para o seu trabalho de cronista, aparece na edição de 2 de setembro de 1909. Nesse dia, na seção *Gazetilha*, Humberto de Campos, assinando “H.C”, escreve o texto *O jogo*, saindo em defesa daqueles que se divertem na “pelada” com os amigos. Vejamos:

O JOGO

—

As últimas semanas têm sido pela imprensa bisbilhoteira consagradas à divulgação de coisas do jogo. A meninada brejeira, em quem a fantasia latina pregou, nos séculos de paganismo, na sua doce preocupação de criar símbolos, um leve par de asas flébeis, tem andado, nestes últimos tempos, a fazer a sua interferência em todos os fatos que à polícia interessam, que se poderia, talvez, substituir o *cherchez la femme* costumeado por um *cherchez le jeu*, mais à propósito.

Eu não sei, afinal, se a polícia deve perseguir indistintamente os jogadores. Sonhador, como sou, ponho as obras humanas quase sempre, ao contrário, talvez, da maioria dos homens, em pleno secundário. E os códigos, por isso, são por mim, talvez pelo fato de ainda me não terem prejudicado, colocados em plano inferior às leis irrevogáveis e absolutas que a natureza sempre sábia institui.

Jogar é, no meu entender, um hábito que jamais será abolido na terra e na vida, um costume de raízes profundas na alma dos homens e nos tempos, e,

¹⁶ Na edição de 3 de fevereiro de 1911, o jornal maranhense *Correio da Tarde*, assim se manifestou sobre o primeiro livro de poemas de Humberto de Campos: “O livro de Humberto de Campos, no gênero, é um dos melhores que nos têm aparecido ultimamente. É, o que se pode chamar — um livro bem feito. O talentoso intelectual maranhense é dos que pensam que ser poeta não é somente fazer sonetos; mavioso e lírico — escrever sobre frivolidades amorosas. Fez um livro variado, de variada metrificacão, dando alma, dando vida e beleza à riqueza do metro, que, incontestavelmente, se adapta, quando o poeta é artista, e sabe gastar tempo no apurar da forma, à comoção que desperta na alma do leitor o tema de que se ocupa” (Jornal *Correio da Tarde*, 3 de fevereiro de 1911).

¹⁷ Sobre a predileção do soneto como laivo parnasiano, Ronald de Carvalho, em *Estudos brasileiros: 2ª série*, afirma: “O soneto era o veículo fatal de todas as coisas, a medida da inspiração amorosa e da inspiração industrial. Dependurava-se dos bondes, esgueirava-se da carteira dos amanuenses e pulava das balas de estalo. Passaporte para o casamento, para o suicídio ou para a celebridade suburbana, era sempre a chave mágica da forma. De tal modo se inveterou em nossos costumes, que ficamos, insensivelmente, à margem de toda a evolução literária do universo” (Carvalho, 1931, p. 49).

até uma grande, uma indiscutível necessidade.

Anatole France, o sóbrio gênio gaulês que a terra da América atualmente hospeda, acha-o tão humano e tão forte como o próprio amor, fonte de toda vida, princípio de toda força [...]

H. C¹⁸

Ainda na *Folha do Norte*, Humberto de Campos assinou a seção/coluna “Conversa a dinheiro”, com o objetivo de tecer comentários sobre os assuntos mais diversos, desde um caso policial, até impressões de um livro lido. Por exemplo, nessa coluna, no dia 3 de março de 1909, Humberto de Campos discorre sobre o suicídio, a partir de um incidente ocorrido na cidade de Belém. Ainda na *Folha*, Humberto também assinou alguns poemas sob o pseudônimo *Helios*, como registrado na edição de 28 de março de 1909 (domingo), abaixo do poema “INSTANTANEOS (Apanhados no BAR)”.¹⁹ Esse mesmo pseudônimo também foi utilizado por Humberto para assinar textos em prosa, como no caso do texto *O livro de um “cavador”: segunda sova*, publicado na edição de 7 de maio de 1909. No texto, Humberto de Campos tece ácidas críticas a Duque-Estrada (Joaquim Osório Duque-Estrada 1870-1927), fato que continua, no mesmo tom, na edição do dia seguinte, 8 de maio, sob o título *O livro de um “cavador”: terceira sova*. Dado o caráter cáustico desses textos de Humberto de Campos, — aspecto, aliás, que o tornará “temido” na cidade do Rio de Janeiro —, na edição de 20 de maio de 1909, sob o mesmo pseudônimo, aparece o texto *Ao pé da letra*, em que Humberto de Campos, já no estilo que será sua marca, explica, com o humor particular, o sentido da palavra “cavador”. Vejamos na íntegra:

Ao pé da letra

—

O jornalista que doutrina, com ares conselheirais, das colunas de um diário da terra escrevendo *atualidades*, ou coisas que talhe parecem, entendeu, ontem, de vir explicar-vos, circunspecta e paternalmente, o que vem a ser um *cavador*.

Não sabemos, absolutamente, s.s. quem é. Afigura-se, porém, um velho Pacheco de nasoculos, que se julga, *rempli de soi même*, palmatória do mundo e, por qualquer mania, diretor da opinião pública. É, pelo menos, desse modo que s.s. aparece, surge, revela-se retundamente aos olhos de quem o lê.

Alisemos, porém, apressadamente, a explicação generosa que nos dá.

Diz s.s. que não podem ser considerados cavadores “aqueles que não se alistam entre os que das situações estaduais auferem lucros pecuniários, avultados e compensadores, nem pretendem ficar aqui.”

Ora, que é que se colige disso? Apenas o seguinte: *cavadores* são aqueles que “aqui se vêm alistar entre os que das situações estaduais auferem lucros

¹⁸ Texto publicado na *Folha do Norte*, edição de 2 de setembro de 1909. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Arthur Viana, em Belém (PA).

¹⁹ Antes mesmo de iniciar, oficialmente, com a colaboração na *Folha do Norte*, Humberto de Campos também teve poemas publicados na *Revista do Norte*, publicada no estado do Maranhão. Na edição de novembro de 1905 (Ano V – nº 3), encontramos o poema *Esperança*, assinado Humberto de Campos, subscrito, entre parênteses, o pseudônimo *Helios*. A citada publicação maranhense, editada por Gaspar Teixeira & Irmãos Succs, de início, tinha caráter semanal, compondo-se cada número de 16 páginas de texto e gravura. Depois passou a ser mensal.

pecuniários, isto é, os seus companheiros de redação, o chefe do seu partido, todos, enfim, que, honestamente eu não, vêm exercer entre nós a sua atividade.

A sua *atualidade* é, portanto, a confissão absoluta do seu regionalismo insopitável, se não for, como preferimos considerá-la, o resultado da falta de assunto ou de alguma *surmenage* intelectual.

Helios²⁰

Ainda no conjunto de sua operosidade mental, foi na imprensa da capital paraense que Humberto de Campos publicou textos destinados à análise de obras, que aqui denominamos de textos *protocríticos*. Isto posto, já é importante indicar que *proto* é um termo de ligação. De origem grega “prôtos”, significa “primeiro”, “inicial”, o que é anterior. Nesse pormenor, chamamos de *protocrítica* ao conjunto dos textos produzidos por Humberto de Campos que foram publicados antes de sua atividade oficial enquanto crítico literário, assinando a coluna “Vida Literária”, no periódico carioca *Correio da Manhã*, entre 06 de setembro de 1928 a 01 de agosto de 1930. Desse modo, esses textos “protocríticos”, — mesmo não sendo publicados sob o manto da “oficialidade”, no sentido de constituírem uma atividade com frequência semanal, ocupando um período relativamente extenso de publicação — já encapsulavam um teor de juízo crítico, mesmo que, por vezes, não tenham ultrapassado o caráter de simples resenha da matéria em questão. Nesse conjunto, inserimos os textos publicados na imprensa da cidade de Belém — algumas vezes republicados em jornais da cidade de São Luís, no Maranhão —, no período de 1909 a 1912. Nesse contexto, dois textos merecem atenção: *Notas literárias* e *Livros maranhenses*, publicados na *Folha do Norte*, em 1909; o primeiro na edição de 10 de fevereiro e o segundo, em 28 de junho.

Começemos pelo primeiro. No início de *Notas literárias*, Humberto de Campos cita o julgamento crítico do francês Caussin de Pesseval sobre a literatura árabe, a fim de justificar a influência da natureza no fazer poético — a natureza como fonte de inspiração. Nesse pormenor, já podemos indicar que Humberto era leitor dos pensadores e críticos franceses. Humberto, então, começa dessa maneira a sua intervenção para fundamentar o que diz ser um fenômeno parecido com o árabe: o povo do sertão, assim como os árabes, teria o costume de reunir-se em feiras, e cantar versos rimados, como fazem os repentistas. Avançando, Humberto tece comentários à obra *Crônicas sertanejas*, de Romeu Mariz. Nesse ponto, a partir das crônicas de Mariz, o escritor maranhense apresenta um panorama da figura do sertanejo. Nesse aspecto, do ponto de vista do método de investigação, Humberto “olha” para o texto de Mariz valendo-se dos postulados advindos da fisiologia, a partir do que lera nos estudos do professor dinamarquês Schack August Steenberg Krogh (1874-1949), e nos postulados da geologia e da biologia do botânico francês Noel Bernard (1874-1911).

Nesse horizonte interpretativo, Humberto de Campos afirma que as crônicas sertanejas de Romeu Mariz, a partir da sua aguda observação dos costumes e das tradições dos sertões teriam as características das plantas carbonizadas pelo tempo, que guardam os registros de uma época pretérita e que, ao serem objeto de análise, revelam, integralmente, os condicionamentos de uma época. Vejamos, pois, as considerações de Humberto de Campos ao livro de Mariz:

²⁰ Texto publicado na *Folha do Norte*, edição de 20 de maio de 1909. Consulta na Hemeroteca da Biblioteca Arthur Viana, na cidade de Belém (PA).

Assim fez Romeu Mariz. A sua observação teve, no seu último livro, a probidade das plantas carbonizadas pelo tempo. As impressões que recebeu quando criança nos amplos sertões de onde é filho, propagou-as, devolveu-as todas, nítida e integralmente, nas dezoito crônicas do seu livro.

E foi por isso que esse volume não ficou, na minha estante e no meu registro bibliográfico, ao lado dos livros efêmeros. Ele não é, para mim, simplesmente uma recolta de notas espirituosas: é muito mais: é um valioso subsídio para a história, que um dia se escreverá, dos seus sertões e dos meus. E sendo, como é, no gênero, a primeira tentativa, o primeiro que apanha, com a fragrância, a fidelidade das máquinas fotográficas, os costumes da vida sertaneja, ele será, para o historiador de amanhã, um livro indispensável, porque registra, mais claramente do que todas as cronologias, um dos momentos mais importantes da lenta e quase imperceptível evolução social da nossa terra.

[...] Seu livro, como documento psicológico, há de ser o laço que prenderá à futura história da nossa terra os atuais costumes do nosso sertanejo. Será, portanto, para quem, escrevendo-a, a ela aplicar o método mais racional, um importante elemento subsidiário para explicar o indivíduo, o meio e a constituição sociais.²¹

Continuando, chegamos ao texto *Livros Maranhenses*. Como o próprio título sugere, o texto de Humberto de Campos emite considerações a obras de autores maranhenses, no caso, os livros *Os novos atenienses* e *A barra da Tutóia*, de Antonio Lobo (Antônio Francisco Leal Lobo 1870-1916) e de Justo Jansen (Justo Jansen Ferreira 1864-1930), respectivamente. O texto pode ser dividido em duas partes: a primeira destina-se ao livro de Lobo, e a segunda, ao estudo de Jansen. De início, destaca que os livros de que se ocupou são de grande valor. A primeira afirmação que Humberto faz sobre o livro de Antonio Lobo é: “[...] um magnífico subsídio para a história literária da terra maranhense: é o atual momento da sua vida intelectual, o histórico do renascimento da velha Atenas brasileira.”²² Nesse aspecto, Humberto de Campos traça um perfil do autor de *Os novos atenienses*, afirmando que Antonio Lobo “é fluente como poucos e, senhor de uma vasta cultura, está, naturalmente, talhado para escrever, com a imparcialidade que se lhe reconhece, a história literária do Maranhão”.²³ Ainda em sua análise, Humberto de Campos começa indicando que Lobo teria adotado o método crítico de Adolphe Coste para a construção dos seus posicionamentos. Em seguida, o jovem Humberto, já com laivos de crítico – consolidando-se mais tarde na cidade do Rio de Janeiro – dá uma explicação do perfil intelectual maranhense. Assim, expressou:

O maranhense é um povo de intelectuais, isto é, predisposto, como os gregos de uma determinada época, a pensar, a ter intensa atividade mental. E o é, a meu ver, em parte, por motivos de caráter fisiológico, por fatos étnicos perfeitamente enunciados por Tarde e Nietzsche, isto é, por ter chegado à raça, em determinados momentos, pela complexidade dos elementos que a

²¹ *Notas literárias*. In: *Folha do Norte*, edição de 10 de fevereiro de 1909. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Arthur Viana, em Belém (PA).

²² *Livros maranhenses*. In: *Folha do Norte*, edição de 28 de junho de 1909.

²³ *Op. cit.*

formaram, à condição de assim ser²⁴.

Já na segunda parte da publicação, Humberto de Campos tece comentários ao livro *A barra da Tutoia*, do maranhense Justo Jansen. Em suma, a obra de Jansen, como escrito na capa da edição de 1908, é uma resposta ao livro *Limites entre os Estados do Piauí e do Maranhão*, de Antonio Ferreira, publicado em 1907. Em sua obra, Justo Jansen comprova, a partir de pesquisa minuciosa, que a região da barra de Tutoia, que vivia em constante disputa entre os dois estados, era de fato maranhense. Como bem destaca Humberto, o trabalho de Jansen vinha, enfim, “[...] por termo à pendência, levando a convicção dos nossos direitos ao povo piauiense.”²⁵

Avançando, após estas considerações sobre esses dois primeiros textos de Humberto, cabe, oportunamente, a análise de mais um texto do autor que congrega valor de juízo crítico ao universo literário. Trata-se do texto sob o título *Conversa a dinheiro*, publicado no periódico maranhense *Diário do Maranhão*, em março de 1909. No texto, Humberto tece comentários ao livro *Mosaicos*, de Domingos Barbosa. Como vimos, essa coluna fora criada por Humberto de Campos em 1909, no periódico belenense *Folha do Norte*, portanto, o *Diário* apenas reproduziu em suas páginas um texto já publicado na cidade de Belém, fato, aliás, muito comum na época. Outro dado curioso é que, nesse período, março de 1909, Humberto de Campos ainda trabalhava naquele periódico paraense. Contudo, como veremos, depois da *Folha*, Humberto entrará para a equipe d’*A Província do Pará*.

Na coluna *Conversa a dinheiro*, como já pontuamos, Humberto de Campos tecia comentários sobre os mais variados assuntos, dos quais, também, opiniões sobre livros recém-publicados. No texto em questão, publicado no dia 22 de março de 1909, no jornal maranhense *Diário do Maranhão*, — era comum textos de um jornal ser reproduzido em outro periódico de outro estado — logo na abertura, Humberto define o seu propósito, dizendo aos leitores: “Foi necessário que eu me compromettesse a conversar diária e seriamente nesta coluna, para desobrigar-me, e aliás com muito prazer, de alguns deveres que me cabem. E entre eles está o de agradecer, a intelectuais do sul e daqui livros que tenho à mesa.”²⁶ De modo especial, nesse texto, Humberto de Campos reserva o seu julgamento ao livro de contos *Mosaicos*, do escritor maranhense Domingos Barbosa (Domingos Quadros Barbosa Álvares 1880-1946). Assim, Humberto se posicionou sobre o livro do seu conterrâneo:

O livro de Domingos Barbosa, pelo fato de tratar de assuntos banais e sobremodo explorados, de retratar tipos reconhecidamente vulgares que passeiam por várias ruas e livres, não deixou de ser uma obra de mérito. A forma porque tratou esses tipos e esses fatos é que dá valor ao trabalho [...] Domingos Barbosa possui em grande dose, a qualidade mais necessária a um bom *conteur*: a observação. Isso, porém, não quer dizer que siga os observadores modernos, que tenha como Balzac ou Zola, e, entre nós, Coelho Neto, a paciência, que tira a dos outros, de escrever, em dezenas de páginas, um toucador ou um bibelot. Os seus quadros e tipos são desenhados a largos traços longe de minúcias caceteantes, sem que por isso prejudique, de leve

²⁴ *Livros Maranhenses*. In: *Folha do Norte*, edição de 28 de junho de 1909. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Arthur Viana, em Belém (PA).

²⁵ *Op. cit.*

²⁶ *Op. cit.*

sequer, o tipo ou quadro.²⁷

Assim, como acabamos de observar, vamos encontrar na *Folha do Norte* os primeiros textos “protocríticos” de Humberto de Campos. De modo geral, esses textos têm por característica um olhar marcado explicitamente pela estreita relação entre autor e sua obra, uma espécie de “espelhamento”, sendo a obra resultante, sobremaneira, da vida do autor. Aliás, podemos indicar que essa forma de analisar o texto literário segue uma tradição comum na historiografia da literatura e que, para um Humberto de Campos dos inícios, parecia ser totalmente adequado ao seu juízo.

2.2. A experiência n’A Província do Pará

Ainda no contexto histórico da cidade de Belém, por circunstâncias políticas, como veremos doravante, Humberto de Campos não permaneceu muito tempo na *Folha do Norte*. A sua última colaboração nesse periódico ocorreu na edição de 19 de setembro de 1909, com a publicação do poema XLVII *Tuas Cartas*, do conjunto lírico “Livro de Hilda”. Após essa data, os poemas publicados na *Folha* foram de autoria de Severino Silva, Leocadio Guerreiro e Alfredo Albuquerque. Por influência do político paraense Antônio Lemos²⁸ (Conselheiro Lemos), Humberto de Campos torna-se editor do importante periódico *A Província do Pará*²⁹. Neste ponto, cabe uma nota sobre a relevância desse periódico para o cenário político-cultural da cidade de Belém e, também, para o estado do Pará. Vejamos as seguintes considerações encontradas no primeiro volume da *Introdução à literatura no Pará*:

Pela sua importância, não só no terreno político-social e afins, mas também no literário, *A Província do Pará* merece destaque dentro deste panorama. [...] 1876 (25 de março) – Junto a dez jornais (apenas cinco diários), surge em Belém (com menos de 100 mil habitantes), *A Província do Pará*, fundada por Joaquim José de Assis (mineiro, radicado em Belém, – chefe político e fazendeiro no Marajó), Francisco de Souza Cerqueira (o tipógrafo-chefe) e Antônio Lemos (gerente, com ingerência na parte redacional, futuro intendente de Belém e um dos mais poderosos políticos do Norte). Era um jornal pequeno, de quatro páginas. 1880 [...] – Por essa época, *A Província do Pará* já defendia os ideais republicanos e abolicionistas dando cobertura a todas as iniciativas neste sentido. Estampava poemas abolicionistas inclusive do baiano Castro Alves [...] (Meira, 1990, p. 179).

²⁷ *Conversa a dinheiro*. In: *Diário do Maranhão*, edição de 22 de março de 1909.

²⁸ Maria de Nazaré Sarges, em *Memórias do Velho Intendente (1869-1973)*, afirma: “Antonio José de Lemos, considerado o responsável pela feição de *belle-époque* que se instaurou em Belém, foi intendente municipal durante 14 anos, tendo sido eleito pela primeira vez em 1897 e renunciado ao mandato, após várias reeleições, em junho de 1911.” (Sarges, 2002, p. 23).

²⁹ Sobre o trabalho de Humberto de Campos no jornal *A Província do Pará*, em *Introdução à Literatura no Pará*, encontramos a seguinte informação: “Humberto de Campos (então no jornal de Lemos, depois de trabalhar com Paulo Maranhão, na *Folha do Norte* ‘onde publicou suas primeiras poesias e crônicas’ – e mais tarde membro da Academia Brasileira de Letras) escreveria, tempos depois, sobre esse estranho golpe de Antônio Lemos em Justo Chermont” (Meira; Ildone; Castro, 1990, p. 181).

Ainda sobre o periódico, na publicação *Jornais Paraóaras*, encontramos a seguinte informação: “[...] Inicialmente, foi órgão do Partido Liberal, depois tornou-se independente e imparcial em política, passando a ser uma empresa comercial.”³⁰ Já Paulino de Brito, em estudo sobre a imprensa no Pará, publicado n’O *Pará em 1900*, livro alusivo ao quarto centenário do descobrimento do Brasil, afirma que, sob a administração de Antônio Lemos, a *Província* tornou-se “o primeiro jornal do Norte da República” (Brito, 1900, p. 291). Sobre a entrada de Humberto na *Província*, vamos recorrer mais uma vez a sua crônica A “*Folha do Norte*”. Nesse texto, após tecer considerações em defesa desse periódico, nos últimos parágrafos, narra o episódio que o conduziu à *Província*. Vejamos a cena:

[...] Paulo Maranhão, alma da *Folha do Norte* era, pela eficiência da sua atuação, o opositorista mais visado pelo rancor oficial. Os seus inimigos eram numerosos e terríveis. Se o encontrassem na rua, matá-lo-iam. Daí as suas preocupações. Mudou-se, com a senhora e os filhos, para o alto do prédio em que funcionava o seu matutino, e que ficava em uma rua comercial. Durante oito anos não saiu dali. Mas, também, não calou a sua pena. E dali demoliu, impiedoso e inflexível, uma das organizações partidárias mais sólidas e prestigiosas porventura existentes neste país!

Foi aí que o encontrei, quando entrei para a *Folha do Norte* como repórter, com a obrigação, ainda, de traduzir telegramas e fazer a revisão do jornal todo, em noites alternadas. Até que, um dia, Álvaro Adolfo da Silveira, companheiro de Eliseu César no seu escritório de advogado, e que a Revolução de 1930 encontrou como senador estadual, me falou da simpatia generosa com que eram lidos os meus versos e a minha prosa de principiante, nos círculos oficiais. E perguntou-me se aceitaria um lugar na redação d’A *Província do Pará*, o grande cotidiano de Antônio Lemos, que me nomearia, mais tarde, para a Prefeitura Municipal.

Eu não era político. Jamais havia visto o sr. Lauro Sodré. Os seus lugares-tenentes não me tinham prestado, nunca, o menor serviço. Não quis, porém, passar de um jornal para outro sem consultar Paulo Maranhão. Comuniquei-lhe o convite que havia recebido. Pedi a sua opinião. E esse homem terrível, esse adversário formidável que o leimismo temia e todos acreditavam cheio de rancor e de fel, pôs, mansamente, a mão no meu ombro, e disse-me, com brandura:

— Vai, meu velho, vai, enquanto é tempo... Eu poderia pedir-te que ficasse; mas não tenho o direito de exigir de ti o sacrifício do teu futuro... Que te espera aqui, nesta casa? O mais que poderias alcançar, seria a minha situação, o meu lugar de secretário... Terias quinhentos mil réis por mês como eu tenho, depois de quase vinte anos de atividade; mas terias, também, esta vida que eu levo, encurralado neste sobrado, sem um dia de repouso, e dormindo, ou ficando sem dormir, com o estrondo das máquinas, que abalam o prédio inteiro...

Fez uma pequena pausa, e, ele, o homem soturno, o homem que não fazia confidências a ninguém, falou-me com tristeza:

— Tu já imaginaste o que é minha vida aqui? Tenho filhos a educar, e não posso, sequer, mudar-me para um bairro familiar, em que haja escolas...

³⁰ Biblioteca Pública do Pará. Jornais PARAoaras: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desporto e Turismo, 1985, p. 72.

Depois, tu sabes, aí em frente há um prostíbulo... Rameiras de última classe... E eu, com meus filhos pequenos, e com uma filhinha que está ficando moça, obrigado a viver de janelas fechadas para evitar esses espetáculos degradantes... Por isso, vai... Tu és trabalhador e estudioso... Serás feliz. (Campos, 1951, pp. 110-112).

Em sua passagem pela *Província*, um dos seus fraternos companheiros de redação foi Assis Moreira, que, em texto publicado n' *O Malho*, em edição de 5 de dezembro de 1935, um ano após o falecimento de Humberto de Campos, nos descreve o ambiente de convívio na capital paraense. Vejamos:

Trabalhamos juntos fazendo, de parceria, nosso tirocínio de jornalista. Eu emergira do fundo de um claustro, feito padre aos vinte e dois anos e meio. Ele saíra do exílio de um seringal das ilhas paraenses, feito cronista cintilante e um poeta inspirado.

Pela vida, afora, fomos sempre amigos, como irmãos de arte.

A redação do brilhante órgão nortista – verdadeira escola de periodismo – era, naquele tempo, uma formidável panóplia em que terçávamos armas de todos os feitios.³¹

Listemos alguns textos de Humberto de Campos publicados n' *A Província do Pará*: em 10 de janeiro de 1910, aparece, na primeira página, o soneto *Romaria noturna*; já na edição do dia 6 de janeiro de 1911, na primeira página, encontramos o soneto *Caminho de Damasco*³²; na edição do dia 11 do mesmo mês, é publicado o poema *Até nos livros*!³³ Além de textos poéticos, textos em prosa também foram publicados n' *A Província*. No dia 13 de fevereiro de 1911, aparece o texto *O VAGABUNDO*, uma tradução de um texto do francês Charles Dornier³⁴, e assinado com “H. de C.” Já no dia 16 de fevereiro de 1911, na primeira página, encontramos o texto *Sinite parvulos...*, – em latim, *Deixe os pequenos*. Nesse interessante texto, que poderíamos classificar como uma crônica, Humberto de Campos discute sobre a definição que as crianças dão a mais diferentes coisas e/ou fatos da vida cotidiana, uma espécie de atestado de precoce eloquência e/ou sabedoria. Assim, para Humberto, em um dos exemplos dados, a melhor definição para o termo saudade não fora encontrada no colo de grandes pensadores, mas no seio inocente das crianças. Vejamos o caso: a filha de um poeta cearense, dissera, após a indagação de Humberto, que saudade “é vontade que volte”.

Avançando, outro texto que poderíamos inserir no conjunto dos textos “protocríticos” é *A nova missão dos poetas*, publicado no *Diário do Maranhão*, na edição de 1 de dezembro de 1910. É importante destacar que, nesse período, Humberto de Campos trabalhava n' *A Província do Pará*, na cidade de Belém, desde o segundo semestre de 1909, conforme pesquisa. Voltando ao texto, Humberto faz uma verdadeira defesa dos poetas e sua participação e/ou relevância na cultura dos povos. Como exemplo de tal influência no pensamento e atitudes humanas, Humberto menciona a obra da poetisa polaca Maria Konopnicka (1842-1910), que publicou, em 1910, *Pan Balcer w Brazylii* (Senhor Balcer no Brasil). Para Humberto, a obra em questão

³¹ *O Malho*, 5 de dezembro de 1965, p.31.

³² *A Província do Pará*, 6 de janeiro (sexta-feira) de 1911, ano XXXVI, nº 11.080.

³³ N' *A Província do Pará*, os poemas de Humberto de Campos costumavam ser publicados na primeira página.

³⁴ Poeta e romancista. Professor de literatura no Liceu Henri IV (1873-1954).

atentaria contra a nação brasileira. Nas palavras de Humberto, o livro de Konopnicka retrataria “[...] os sofrimentos, as misérias, os martírios que esperam os polacos que porventura, isto é, por desgraça, vêm bater às nossas terras.” Indignado, de certa forma, aflorando o sentimento de nacionalidade, Humberto sugere que o governo brasileiro enviasse poetas para o outro lado do Atlântico. E, sem mostrar qualquer predileção por outros contemporâneos, Humberto de Campos se oferece para tal tarefa, e ainda detalha o que iria fazer. Eis a sua intervenção:

Uma vez lá, se eu for escolhido, juro pelo meu nome, e pelos meus versos, que, além, de propagar em sonetos as nossas riquezas de toda ordem, destruirei, reduzindo-a a poeira, a epopeia da sra. Konopnicka. E como é possível que todos os gêneros exportáveis precisem de especialistas que lhes exaltem em verso as utilidades e as excelências, permita ao governo que eu lembre o nome de alguns colegas paraenses, tão fecundos como eu, para cantarem os produtos do Acre e as nossas madeiras de construção...³⁵

Aqui, com todo seu fervor de poeta, que fora forjado em Belém, cujos primeiros versos foram publicados nos periódicos da capital paraense, Humberto de Campos deixa entender que já estava com sua primeira publicação “debaixo dos braços”. Essa obra seria o livro de poemas *Poeira...*, que fora publicado em dezembro de 1910, mesmo mês em que lançava essa defesa. De certa forma, a nova missão dos poetas era a sua própria: a de “propagar as riquezas do Brasil.” No que respeita a referida obra, após o poema de abertura *Poeira*, que dá nome ao livro, seguem-se os seguintes conjuntos de poemas, a saber: *Beatriz*, *Livro de Hilda*, *Pó dos desertos*, *Coração*, *Símbolos selvagens* e *Alma primitiva*. Suas composições poéticas, de um ecletismo temático interessante, vão desde aspectos regionais, como nos poemas *No Sertão*, *O inverno cearense*, *Tempestade amazônica*, *Na serra de Maranguape*; passando por temas religiosos, como em *Canto bíblico*, *Samaritana*, *A morte de Moisés*; até o universo da cultura clássica, por meio das referências mitológicas gregas e romanas, como nos poemas *Laocoonte*, *No templo de Pã*, *Fauno*, *O escudo de Minerva*; entre outros temas. A vocação poética de Humberto de Campos, a qualidade de poeta, de sonetista de mão cheia, lhe garantiu presença na antologia *Sonetos Maranhenses*, publicada em 1923, em sua 2ª edição. Na página 100, encontra-se o soneto *Lendo-te*. Curiosamente, esse soneto foi publicado pela primeira vez na *Folha do Norte*, em Belém (PA), ainda nos anos 1900.

Feitas essas sumárias considerações da passagem de Humberto de Campos pela cidade de Belém, cabe a transcrição de um trecho de uma matéria publicada no jornal *Diário Carioca*, no dia 6 de dezembro de 1934, um dia após o falecimento de Humberto. No texto, o periódico faz um balanço da vida de Humberto de Campos no estado do Pará. Vejamos:

A Vida do Ilustre Escritor

[...] Em 1903, seguiu Humberto de Campos para o Pará, fazendo constantes viagens ao interior, percorrendo diversos rios até que se fixou na capital paraense, nos escritórios de uma das maiores casas comerciais da Amazônia. Iniciados, nesta ocasião os seus estudos superiores, interrompidos por frequentes viagens aos grandes afluentes do Amazonas, adoeceu, seguindo então, para o Ceará, onde passou dois anos, viajando todo o Estado,

³⁵ A nova missão dos poetas. In: *Diário do Maranhão*, edição de 1 de dezembro de 1910.

percorrendo todas as serras e sertões, visitando todas as grandes obras contra as secas, indo conhecer, depois, uma parte do Piauí e do Maranhão. Escreveu ali a parte sertaneja do seu primeiro livro de versos, imprimindo-lhe cunho nacionalista que o havia de particularizar entre os poetas brasileiros do seu tempo. De regresso ao Pará, em 1908, seguiu o Baixo Amazonas, dirigindo pessoalmente à frente de centenas de homens, a exploração de seringais, pondo-se em contato direto com a gente rude e com a natureza selvagem que devia retratar, depois, em seus versos. Foi ali, então, no seio da floresta, entre seringueiros e feras, que Humberto de Campos escreveu a parte amazônica de sua obra poética. Um ano depois voltou para a capital paraense iniciando uma vigorosa campanha na imprensa contra os exploradores da gente sertaneja, descrevendo ao vivo os horrores daquela epopeia ignorada. Data daí a sua entrada para o jornalismo diário, como redator de “Folha do Norte” de Belém. O então senador Antonio Lemos convidou-o para o seu jornal “Província do Pará”, confiando-lhe as funções de seu secretário particular, dando-lhe, ao mesmo tempo, os lugares de chefe de seção da Prefeitura da capital, de diretor da Secretaria do Conselho Municipal, de secretário da Comissão Executiva do Partido Republicano Paraense, e em seguida o de secretário da Municipalidade. Atirado à política, no momento em que se iniciavam grandes campanhas do partido a que se filiara, o jovem escritor teve de multiplicar-se atendendo ao mesmo tempo a todas as seções do jornal, desde o verso humorístico, de pilheria ligeira, até o artigo doutrinário. Nesse período de responsabilidades extremas, foi a ele que se confiou no mais acesso da luta a coluna política da folha do partido, cujos editores enfrentavam os mais vibrantes jornalistas do partido contrário. Tendo de combater sozinho as mais brilhantes e consagradas figuras do jornalismo paraense. Humberto de Campos teve de operar milagres de atividade, esforço e de estudo, discutindo diariamente os assuntos mais complexos da administração e da política. Em outubro de 1912, Humberto de Campos deixou o Pará, vindo residir no Rio.³⁶

3 Considerações Finais

Em suma, na imprensa belenense, Humberto de Campos trabalhou como revisor no *Notícias*, colaborador (repórter, jornalista, poeta e cronista) na *Folha do Norte*, e editor n’A *Província do Pará*; além de ter fundado, na companhia de José Chaves, a revista *Alma Nova*. A partir de sua intensa atuação na imprensa paraense, é possível indicar a relevância que a mídia impressa, entendendo-se jornais e revistas, tinha no cotidiano da sociedade dos primeiros anos do século XX. Nesse pormenor, em páginas da conhecida *Introdução à literatura no Pará*, no primeiro volume, encontramos a seguinte consideração: “Os jornais da capital e do interior sempre foram sustentáculos da palavra, não só para os que dedicaram a vida inteira ao jornalismo, como também para aqueles que, partindo desse estágio, buscaram, na publicação de livros, a realização literária” (Meira, 1990, p. 178). Ainda sobre a relevância da imprensa na vida social, Nelson Werneck Sodré, em sua conhecida *História da Imprensa no Brasil*, indica que “a passagem do século [XIX], assim, assinala, no Brasil, a transição da pequena à grande imprensa. Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas [...]” (Sodré, 1966, p. 315).

³⁶ Jornal *Diário Carioca*, 6 de dezembro de 1934, pág. 1.

Referências

- Brito, P. A imprensa no Pará. In: *O Pará em 1900: quarto centenário do descobrimento do Brasil*. Belém (PA): Imprensa de Alfredo Augusto Silva, 1900.
- Caeiro, A. O Guardador de rebanhos. In: Tufano, D. *Estudos de literatura portuguesa*. São Paulo: Ed. Moderna, 1981.
- Campos, H. de. *Contrastes* (crônicas). São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1951. Bosi, A. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- Campos, H. de. *Memórias e Memórias inacabadas*. São Luís: Instituto Geia, 2009.
- Carvalho, R. de. *Estudos brasileiros: 2ª série*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. Editores, 1931.
- Coelho, M. O. *O Grupo dos Novos (1946-1952): memórias literárias de Belém do Pará*. Belém: EDUFPA: UNAMAZ, 2005.
- Ferrara, L. D'A. (org). *Espaços Comunicantes*. São Paulo: AnnaBlume, 2018.
- Meira, C.; Ildone, J.; Castro, A. *Introdução à literatura no Pará*. Belém: CEJUP, 1990.
- Moisés, M. *História da literatura brasileira*. vol. II: do Realismo à Belle Époque. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Cultrix, 2016.
- Raposo, C. Autógrafos de Vespasiano Ramos. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Anais do Museu Histórico Nacional*, volume XXIV, Rio de Janeiro, 1973.
- Sarges, M. de N. *Memórias do “Velho Intendente” Antônio Lemos (1869-1973)*. Belém: Paka-tatu, 2002.
- Sodré, N. W. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1966.

Recebido em: 29/09/2025

Aceito em: 17/12/2025